

O centro é ao mesmo tempo ponto de convergência de todos os símbolos e ao mesmo tempo ele os contém a todos, ampliando-se no infinito do espaço e do tempo. Verticalmente, para o alto ele é o céu, o cume da montanha, e abre-se assim para o «logos» e a transcendência divina, enquanto que para baixo ele é o subterrâneo místico, o celeiro, e expressa a sabedoria da terra, «a Sophia», a imanência divina. Horizontalmente, para o passado ele é o paraíso terrestre, a origem dos tempos, e para o futuro é o fim dos tempos, o termo da vida. Essas duas linhas unem-se num ponto central, formando a cruz, centro do mundo cristão e símbolo da união, mas também da tensão entre os opostos. Desse modo, o centro possui quatro dimensões; encarna e manifesta a riqueza do ser e contém tudo no estado de potência.

O centro está num ponto situado a igual distância de todos os pontos de uma linha ou de uma superfície curva, o que só se pode encontrar no círculo ou na esfera. É um ponto de intersecção onde se cortam os diâmetros de uma curva fechada.

Os quatro elementos utilizados por Teresa servem para simbolizar o centro, ou seja, a água, a terra, o fogo e o ar, expressam também sua totalidade, freqüentemente representada sob a forma de um quadrado, podendo dessa maneira inscrever-se nos quatro braços da cruz.

O centro pode ser representado igualmente por um círculo, pois ele é o sol, fonte de onde emana toda a vida e toda a luz. Como o círculo é a expressão do infinito e da eternidade, enquanto que o quadrado seria antes a expressão do tempo histórico.²⁰² Entre os dois, no entanto, há uma estreita relação.

O centro pode ser, portanto, ao mesmo tempo representado pela cruz, pelo quadrado, pelo círculo como também pelo triângulo. Com efeito, Teresa simboliza-o, pela Trindade, expressão da plenitude divina. Como se sabe, a Trindade na simbologia cristã é freqüentemente simbolizada pelo triângulo. Ora, o centro contém o triângulo, a Trindade; pois o homem vive em Deus e Deus vive no homem.

O número 7 exprime igualmente a união entre o terrestre e o celeste, entre o feminino e o masculino. O 4 é um símbolo da perfeição humana ao nível da imanência terrestre, enquanto que o 3 é símbolo da divindade. O 7 exprime assim a completude humana divinizada, ou o divino encarnado. As quatro primeiras

²⁰² Davy, M.M., ressalta esse fato muito bem, quando afirma: «O círculo exprime o celeste, o quadrado, o terrestre, não enquanto oposto ao celeste, mas enquanto criado. Nas relações entre o círculo e o quadrado, existe uma distinção e uma conciliação. O círculo será para o quadrado o que o céu é para a terra, mas o quadrado pode ser inscrito num círculo, isto é, a terra é dependente do céu». In *Initiation à la Symbolique Romane*, op. cit. p. 190.

moradas, que representam o homem natural, e as três últimas moradas, que representam o homem espiritual, formam a totalidade do castelo da alma. Se nos representarmos o 4 por um quadrado e o 3 por um triângulo, superpondo-os, surge então a montanha, um outro símbolo da morada.

Por outro lado, se tentarmos representar graficamente a estrutura do centro, vemo-la aparecer, ora como um ponto de intersecção, ora como um centro, ou uma circunferência, ou, mais exatamente, como um cone, no qual se inscreve o quadrado. Os quatro braços da cruz convergem para esse ponto central, e no círculo acha-se inscrito o triângulo (a Trindade vive no homem), mas por sua vez o círculo pode estar contido ou delimitado pelo triângulo (o homem vive na Trindade).

Não podemos, entretanto, dizer se é o círculo (ou a esfera), ou se é o triângulo que é símbolo da perfeição humana, pois em Teresa trata-se de um conjunto de símbolos que expressam todos, ao mesmo tempo, a perfeição.

O centro da alma é igualmente o centro de uma esfera, tal como nossa autora se representava o castelo; a esfera diversifica-se num conjunto de círculos ou aros esféricos. Estes círculos vão-se ampliando à medida que se afastam do centro. Mas este último é também o ponto central de um cone que representa a montanha. O cone, por sua vez, se diversifica numa série de círculos que vão se aproximando cada vez mais em direção ao cume ou à fina ponta.²⁰³

É claro que se o mundo inteiro, toda a realidade terrestre e humana, é símbolo da divindade do centro, a criação inteira é expressão simbólica da divindade. É neste sentido que se pode compreender que o mundo é um reflexo da vida de Deus. Ele é para quem vive a realidade simbólica a imagem viva de Deus, isto é, manifestação da divindade.

No fundo, há uma semelhança entre a realidade do mundo exterior e a do mundo interior. A possibilidade de um conhecimento absoluto, objetivo e verdadeiro situa-se nessa adequação. Esta última situa-se antes de tudo ao nível das realidades simbólicas e não ao nível dos conceitos.

O destaque de algumas características do conjunto dos símbolos do centro nos ensinou não somente alguma coisa sobre a estrutura da linguagem simbólica, mas ainda e principalmente sobre os diferentes aspectos inerentes à estrutura do centro da alma. Em outras palavras, o que dissemos sobre a linguagem simbólica

²⁰³ Não é de se espantar que a esfera e o cone sejam diversificados também de maneira similar, pois, como já notamos, os símbolos do castelo são com freqüência utilizados indiferentemente por Teresa.